

*Narrativa visual
e história em
quadrinhos:
Experiência de
estágio*

Tharciana Goulart da Silva

As reflexões deste texto giram em torno de um relato de experiência da disciplina de Estágio Supervisionado III, ministrada pela professora Angélica D'Avila no segundo semestre de 2013 na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Nesta disciplina atuei como professora de Artes Visuais no Ensino Fundamental, na Escola de Educação Básica Municipal Henrique Veras, localizada na Lagoa da Conceição/ Florianópolis - SC. O projeto "Narrativa Visual – História em Quadrinhos" abordou conteúdos que permeiam a História em Quadrinhos como uma narrativa e seus diferentes desdobramentos através de dispositivo artístico; na ação metodológica das aulas, o foco pretendido foi possibilitar a reflexão de práticas do ensino da arte como o desenho, pintura e colagem.

Palavras-chave: História em quadrinhos; Ensino das Artes Visuais; Narrativa.

Introdução

A disciplina de Estágio Supervisionado III, ministrada pela professora Angélica D'Avila Taschetto, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no segundo semestre de 2013, traz como proposta uma vivência educativa no Ensino Fundamental (sexto a nono ano). Esta disciplina nos possibilita um amparo na atuação inicial como professores de Artes Visuais e torna possível um pensamento prático/teórico, acompanhado tanto pelo professor quanto pelos colegas da turma. Para pensarmos esta atuação/vivência, temos como ideia base a criação, ao longo do semestre, de um diário de aula, que funciona como uma narrativa pessoal.

Através da participação na realidade escolar é possível a problematização da mesma, da construção docente. Constantemente criamos diálogos sobre o que acontece dentro e fora da escola e como isso reflete no ensino das Artes Visuais. Esta interação torna-se possível através de uma dinâmica realizada nas aulas da disciplina de graduação, onde cada dia um aluno tem a oportunidade de trazer um tema que

considere importante na educação, discutindo dúvidas, questões e curiosidades sobre o ser professor. Durante esta prática percebi que acabávamos abordando assuntos não muito questionados na academia, por exemplo, as metodologias alternativas, nos colocando em situações onde discutíamos sobre como agir. Desta forma, compartilhamos as experiências e, com isso, conseguimos gerar discussões produtivas em torno do ambiente escolar e pudemos então criar um processo reflexivo sobre nossas práticas.

A situação de vivência em sala de aula (estágio), apesar de proporcionar uma experiência sobre a atuação no ensino das Artes Visuais, não nos permite, por uma questão de tempo, vivenciar o ritmo real da escola e suas problemáticas. Não permeamos o seu contexto e as pequenas coisas que costumam acontecer neste ambiente. No entanto, o estágio certamente nos ajuda na formação de nossa identidade como professores. Por isso, penso que o estágio pode ser desdobrado em pesquisa, como enfatiza Oliveira:

Entendemos o estágio como um campo de conhecimento e espaço de construção cujo cerne é a pesquisa, um locus de perfil epistemológico, anulando, assim, a tradicional idéia de estágio como atividade prática instrumental (OLIVEIRA, 2005, p. 59).

O estágio é o espaço que nos permite, como professores em formação inicial, associar a teoria e a prática de maneira reflexiva. Sendo assim, ele nos dá a oportunidade de aproximação da realidade escolar, realidade de esta, que só será conhecida em seus diferentes aspectos ao iniciarmos a profissão de docente:

Na identidade docente estão presentes os conceitos, as relações que o professor estabelece com sua área de conhecimento, sua leitura de mundo, sua ética profissional e o valor que dá a sua profissão e esta identidade é única, intransferível, não traduzível (OLIVEIRA, 2005, p. 63).

A prática de construção de um diário pessoal proposta pela professora da disciplina nos possibilitou refletir sobre este campo de pesquisa/estágio, pensar sobre nossa atuação e nossa construção como artistas educadores.

Diário – uma narrativa poética e pessoal

O diário é um suporte para as angústias e ansios relacionados à atuação. Com a escrita semanal, é possível repensar as aulas, analisar nossas atitudes e trazer questionamentos. É no diário que revivemos a aula do dia anterior, que pensamos o que poderia melhorar. Dentro desta prática temos a abertura de nos expressar também de maneira artística, não usando somente palavras, mas, muitas vezes trazendo através de reflexões visuais as nossas percepções perante esta experiência de atuação.

O diário trás um perfil investigador, onde podemos organizar nossos pensamentos, idealizar e planejar as aulas, mas, também trazer à tona nossas experiências de atuação, reviver alguns momentos, ansiar mudanças e aperfeiçoamentos sobre nossas práticas. O diário é fonte de pesquisa, é onde colocamos nossos enfrentamentos; ele torna-se um pensamento autobiográfico sobre a iniciação à docência. “É uma forma de provocar reflexão e um conhecimento mais amplo sobre nós mesmos e sobre nossa maneira de atuar no espaço pedagógico” (OLIVEIRA, 2011, p. 184). A proposta de crítica e reflexão perante o ensino da arte que permeia o diário é necessária para a docência, pois

Refletir criticamente sua ação pode ser um começo que, necessariamente, será sem fim, pois o professor de Artes Visuais deve estar questionando constantemente o processo de ensino/aprendizagem em arte, seu e de seus alunos, para que possa intervir em contextos e trajetórias, que propiciem múltiplos olhares (LAMPERT, 2005, p. 152).

Sendo assim, o diário nos trás à tona os questionamentos sobre a construção docente, a qual devemos sempre rever; nos renovar, desenvolver novas práticas. O professor está em constante movimento, um conteúdo dificilmente será trabalhado da mesma forma; o momento, os alunos, as relações possíveis se reconstroem e nos colocam em novas situações. Para essa constante renovação é necessário indagar, pesquisar, ter uma preparação. Ao rever nossas práticas buscamos novos conteúdos, e é através dos estudos e dos questionamentos sobre o ser professor que nos resignificamos e podemos buscar novas estratégias pedagógicas. Como coloca Freire (2011, p. 30), “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando”.

No diário, diferentemente de um relatório, é possível articular a nossa formação como sujeito, nosso cotidiano, partes que também compõe de certa maneira a atuação no ambiente escolar. Ele não é só um relato, pois pode permear contradições, dúvidas, incertezas. E, certamente são estas questões que o diário acolhe que nos levam a pesquisar. O fato de questionar nos faz rever as nossas práticas pedagógicas. O diário, que é algo pessoal, trás uma amplitude que nos permite escrever/desenhar/poetizar sobre recordações, desejos, vontades que nos constituem e transformam a nossa construção docente.

Considerando o estágio supervisionado como um campo de pesquisa, o diário trás um suporte à prática, torna-se um documento para este período, podendo vir a ser contínuo ao longo da atuação docente. A partir dele podemos trazer diferentes desdobramentos nas perfectivas do professor/artista/pesquisador. O diário que elaborei trazia questões pessoais, questões associadas à História em Quadrinhos⁶, seus desdobramentos enquanto técnicas de arte, conteúdos que investiguei durante a disciplina de Estágio Curricular para atuação na escola.

Narrativa Visual – Uma experiência com HQ

Na disciplina de Estágio Supervisionado III atuei no sétimo ano da Escola de Educação Básica Municipal Henrique Veras, localizada na Lagoa da Conceição/Florianópolis. Meu projeto de aula partiu de uma prática que aconteceu na disciplina de Metodologia II, ministrada pelo colega Paulo Villalva, que trazia a questão da História em Quadrinho em sala de aula. Paulo nos relatou sua experiência nos estágios, falando sobre sua pesquisa como artista/professor relacionada à História em Quadrinho. O fato de a HQ possibilitar uma interação narrativa entre o desenho e a escrita me chamou atenção.

Nesta perspectiva, o meu projeto girou em torno de levar para a sala de aula HQs e trabalhos de artistas que pensem este aspecto, não somente com a História em Quadrinhos em si, mas que produziram/produzem obras que possibilitem uma relação.

Dentro disto, pensei em como fazer uma aproximação dos educandos com a HQ; assim surgiu a ideia de preparar um envelo-

⁶ História em quadrinhos também será referenciada neste texto através de sua abreviação,

pe com trechos de Histórias em Quadrinhos e seus desdobramentos, charges, cartuns e tiras. Cada educando, no início do projeto, recebeu um envelope com estes elementos; a proposta foi que eles pudessem ler em casa, colorir e intervir nas histórias, para então poder trocar com os colegas e ter um contato com uma nova HQ.

Em relação à atuação, iniciamos a aula explorando a história da HQ, início, surgimento, exemplos de como foi se desenvolvendo ao longo do tempo, pontos que servem para uma contextualização geral do projeto. Como exercício prático, a narrativa escrita foi o primeiro contato dos estudantes com a temática; eles receberam HQs com balões em branco, e a proposta era criar uma história conforme o desenho. Foi muito interessante perceber quantas possibilidades os educandos encontraram a partir dos desenhos, histórias completamente diferentes e que produziram uma relação entre a narrativa visual e textual.

Continuando as aulas, outros exercícios foram desenvolvidos com a temática, como a criação de uma HQ utilizando alguns conceitos básicos que trazem as características desta narrativa. Tendo como tema para história a educação em diferentes âmbitos (escola, em casa, na rua) os educandos construíram uma HQ de uma folha, desta vez, criando o desenho e a escrita.

Sobre a construção docente

Lecionei, ao total, sete aulas faixas (duas aulas de quarenta e cinco minutos) na escola Henrique Veras. Em meio às dificuldades e às recompensas de ser professor, penso que alcancei meu objetivo: a HQ foi discutida como um dispositivo de arte, o qual permite articular diferentes técnicas artísticas. O projeto “Narrativa Visual – História em Quadrinhos” me possibilitou trabalhar com distintas linguagens, com diferentes práticas e suas reflexões.

Em relação ao título do projeto “Narrativa Visual – História em Quadrinhos”, este surgiu a partir das pesquisas para a elaboração do plano de aula. Narrativa Visual não é necessariamente uma imagem que se articula em sequência, pois uma imagem única também pode nos trazer uma narrativa, produzindo uma história, demonstrando estados de emoção, nos dizendo algo, fazendo-nos questionar sobre as visualidades, como acontece nas charges e cartuns. O termo

arte sequencial, também relacionado a este projeto, está associado aos quadrinhos, à sequência de imagens que conta uma história e comunica informações. Mas também pode se referir a um filme e animações, por exemplo. Este permeia uma proposta híbrida, está entre o texto/fala e a imagem.

O estágio como um campo de pesquisa e formação docente nos proporciona a atuação e vivência no ambiente escolar, nos inicia à docência e nos possibilita trazer reflexões a cerca do ensino das Artes Visuais. Através das práticas, da atuação, do diário pessoal, e das conversas em sala de aula, penso que foi possível refletir sobre a construção do licenciando, sobre a prática e a teoria dentro dos conteúdos que permeiam o ensino das artes. Vejo o desenvolvimento do diário como um ponto que une as três perspectivas presentes na licenciatura, o artista/professor/pesquisador.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LAMPERT, Jocielle. Estágio supervisionado: andarilhando no caminho das Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). *A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais*. Santa Maria: UFSM, 2005, p. 149-155.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio como campo de conhecimento. In : OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). *A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais*. Santa Maria: UFSM, 2005, p. 59-72.

_____. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: os diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: UFSM, 2011, p. 175-190.